

mund

NA INTERNET
Repórter conta como premiê de Israel entrou no seu ônibus
folha.com/130746

NA INTERNET
Blog fala sobre sopa de NY que ficou famosa em série de TV
folha.com.br/140383

Unasul terá comissão para mediar crise na Venezuela, afirma Dilma

Presidente minimizou ausência do venezuelano Nicolás Maduro na posse de Michelle Bachelet

Ela diz que chanceleres se reunirão hoje para debater a construção de um ‘ambiente de estabilidade’ no país

MÔNICA BERGAMO
ENVIADA ESPECIAL A VIÑA DEL MAR (CHILE)

A presidente Dilma Rousseff disse ontem que a Unasul, organização que reúne 12 países da América do Sul, vai criar uma comissão para atuar na crise na Venezuela. No Chile para a posse de Michelle Bachelet, ela deu uma rápida entrevista no hotel Sheraton Miramar, em Viña del Mar, onde está hospedada desde anteontem. Questionada sobre o can-

celamento da viagem do presidente Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, ao Chile —ele era dos mais aguardados— Dilma afirmou: “Olha, já estava previsto isso, os presidentes [dos países da América do Sul] não vão se reunir [na Unasul]. Mas os presidentes mandaram seus ministros das Relações Exteriores para amanhã [hoje] fazerem uma reunião”. A presidente disse que os chanceleres se reunirão “para criar uma comissão, que pode ser inclusive de representantes de todos os países da região, e fazer a interlocução pela construção de um ambiente de acordo, de consenso e de estabilidade lá na Venezuela”. “É isso o que vai acontecer”, afirmou.

A Venezuela tem enfrentado uma onda de protestos pró e contra o governo desde o início de fevereiro. Ao menos 22 pessoas já morreram durante as manifestações. A presidente brasileira minimizou o fato de Maduro cancelar, de última hora, a visita ao Chile. “O fato de não vir um ou outro presidente não interromperá o processo [de discussão da crise da Venezuela na Unasul], porque serão os chanceleres, e não os presidentes [que irão se reunir]. Até por uma questão simples: é um momento de posse [o que dificultaria a reunião de chefes de Estado].” A Venezuela não explicitou o motivo de o presidente Maduro não ter ido à posse de Bachelet, mas alguns fatos

podem ter favorecido o cancelamento da viagem. O Chile já pediu à Venezuela que dê informações sobre a morte da chilena Giselle Rubiar. Ela levou um tiro domingo, quando desmontava uma barricada em Mérida. E, na semana passada, o secretário-geral da Organização dos Estados Americanos, José Miguel Insulza, disse que poderia conversar com Maduro no Chile sobre os acontecimentos na Venezuela caso o dirigente venezuelano estivesse disposto a isso.

DEMOCRACIA
Dilma afirmou ainda que o Brasil trabalhará pela democracia na Venezuela. “Sempre procuraremos a manutenção da ordem democrática.” E citou o caso do Paraguai.

“Vocês vejam que, quando foi o caso do presidente Lugo [o presidente paraguaio Fernando Lugo, que sofreu impeachment, em 2012], houve um momento de estresse. Esse momento foi superado com a perfeita inclusão do Paraguai com o novo presidente eleito, o presidente [Horacio] Cartes, que será, pelo rodízio, o próximo presidente do Mercosul.” Em rede social, Dilma elogiou Bachelet —“amiga e parceira do Brasil”— e disse que o Chile é o terceiro parceiro do Brasil na América Latina —após Argentina e México. “Estou certa de que o meu governo e o de @PrensaMichelle irão aprofundar ainda mais as relações entre nossos países”, afirmou em sua página oficial no Twitter.

ONU critica que opositor esteja isolado em prisão

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

O relator sobre tortura da ONU, Juan Méndez, criticou ontem o fato de o opositor venezuelano Leopoldo López estar em confinamento solitário em uma prisão militar. “É verdade que as prisões venezuelanas são lugares muito perigosos. E é exatamente por isso que pedi várias vezes para ir visitá-las. Mas é possível proteger um preso sem colocá-lo em isolamento”, disse Méndez em uma entrevista à margem da vigésima sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU, em Genebra (Suíça). “Mas o problema é: ‘por que o detiveram?’. O fato de organizar uma manifestação pacífica não é razão para ser detido. Menos ainda em uma prisão militar e em confinamento solitário”, acrescentou o relator. Na semana passada, o ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Elias Jaua, dissera que López estava em uma prisão militar para que fosse preservada a sua segurança. O governo venezuelano acusa o opositor de incitar atos de violência. O relator da ONU disse também que recebeu denúncias sobre dois casos de tortura em delegacias. “Os casos eram críveis, por isso pedimos ao governo que nos respondesse, mas ainda não recebemos nenhuma resposta.” Méndez disse que pediu três vezes ao governo que permita que visite o país.

EUA
Ontem, a Comissão de Relações Exteriores do Senado dos EUA aprovou resolução que pede a Barack Obama que negue vistos e congele ativos de responsáveis pela violação de direitos humanos de manifestantes pacíficos e jornalistas na Venezuela. A resolução, que irá ao plenário, diz serem “inaceitáveis” o uso da violência e de acusações penais para intimidar a oposição.



Após tomar posse como presidente, Michelle Bachelet acena de carro oficial em direção ao Palácio La Moneda, em Santiago, sede do governo chileno

Novo chanceler promete mais foco na relação com vizinhos

Heraldo Muñoz, que participou do governo de Salvador Allende, diz não crer que as esquerdas na América Latina estejam em refluxo

JOÃO PAULO CHARLEAUX
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O novo chanceler chileno empunhou um revólver calibre 32 e escondeu quatro bananas de dinamite sob a roupa pensando que se tornaria “o primeiro homem bomba do mundo”. Mas não precisou usá-las. Heraldo Muñoz, 66, foi funcionário do governo socialista de Salvador Allende e não pega em armas desde aquela manhã na qual se opôs ao golpe que levou o general Augusto Pinochet ao poder, em 1973. A seguir, trechos de sua entrevista, dada por email em fevereiro.

★
Folha - Bachelet concluiu seu último mandato como presidente no auge do chavismo, em 2010. Agora, retorna a um continente remodelado. Como agir num contexto de re-

fluxo da esquerda na região?
Heraldo Muñoz - Não concordo. Hoje predomina na América Latina a diversidade. Somos economias de renda média, com necessidades diferentes de outras regiões em desenvolvimento. Nossas prioridades são atacar a desigualdade, a insegurança e a discriminação de certas minorias, além de investir muito mais em educação de qualidade para todos e em ciência e tecnologia para adicionar valor a nossas exportações.

O chavismo acabou? Existe hoje hegemonia de uma ‘esquerda light’ no continente?
Não há hegemonia de ninguém na região. Predomina a diversidade. Há governos de esquerda tradicional, social-democratas, de centro e de direita. O que há em comum é que quase todos concordam com a volta do Estado num papel protagonista.

Nos anos do neoliberalismo, não era aceitável ter políticas públicas para a redução da pobreza. O mercado supostamente resolveria o problema. O fracasso do neoliberalismo fez com que agora praticamente todos os países da região tenham programas de transferências condicionais (de renda) que têm sido, em boa parte, responsáveis pela significativa redução da pobreza nos últimos anos. Isto não é de esquerda nem de direita. São

lições aprendidas.
Como o sr. vê a Aliança do Pacífico e a relação do Chile com o Mercosul? O que o Chile pensa do bloco?
Valorizamos a Aliança do Pacífico como uma plataforma de integração e de projeção comercial na direção da Ásia. Mas rejeitamos qualquer pretensão de tornar a Aliança um bloco ideológico-político excludente ou antagônico a outros projetos de integração como o Merco-

sul ou a Unasul, onde o Chile também participa. Há espaço para projetos sub-regionais que possam ser tijolos para a construção de um projeto maior e inclusivo, de integração latino-americana.

O Chile perdeu parte de seu mar para o Peru recentemente. Como vê a decisão da Corte de Haia?
A decisão da Corte apoiou a posição do Chile em três itens fundamentais —o reconhecimento da existência prévia de um acordo de limite marítimo entre os dois países, a fixação deste limite marítimo numa linha paralela à fronteira que se estende a partir do continente e o reconhecimento deste ponto no continente como início do limite entre os dois países. Entretanto, ao mesmo tempo, a Corte, de uma maneira inexplicável, resolveu que o acordo de limites não era suficientemente

preciso e que este limite marítimo do paralelo se estende somente até uma distância de 80 milhas e não das 200 milhas reclamadas pelo Chile e sustentadas em tratados e pela prática durante 60 anos. Com isso, o Chile perdeu direitos econômicos sobre uma extensão importante de sua Zona Econômica Exclusiva e isso é lamentável. Mas o fundamental foi obtido.

O que mudará na política externa após quatro anos de governo de direita?
O mais importante é que vamos privilegiar América Latina e o Caribe, especialmente a América do Sul. Vamos nos voltar à nossa região, tentando fazer com que as relações possam ir além dos laços comerciais e de investimentos —que, sem dúvida, são importantes— para construir densidade política, cultural e social.

“O Chile estará no Conselho de Segurança e pretendemos contribuir para que a América Latina tenha voz mais forte no cenário global”

O fracasso do neoliberalismo fez com que praticamente todos os países da região tenham programas de transferência de renda